BREVE SÍNTESE HISTÓRICA

Áudio disponível em: https://drive.google.com/file/d/15q-f6la5DJgwXcrMtZq8wmsU0vcD3Up8L/view.
Acesso em: 03 set. 2019. Extraído de: "Cantos em um encontro de pajés Tikimuun-Maxacali"
(Sistematização dos dados: Mariana Bicalho Camelo)

As sonoridades indígenas existentes no território que viria a se tornar o estado de Minas Gerais encontravam-se dotadas de grande diversidade e complexidade, tanto no emprego de seus idiomas (geralmente do tronco linguístico macro-jê) até às práticas musicais. Cada uma dessas expressões, indissociáveis das experiências vividas, veiculam concepções, relações e expectativas dos ameríndios em relação ao mundo.

Como exemplo, pode-se mencionar o grupo Maxacali, situado em região ao norte do rio Gualaxo do Norte. As sonoridades, para os Maxacali, revelam-se de suma importância, pois:

"[…] os humanos, após a morte, transformam-se em yãmîy – espíritos cantores, imortais que habitam o além, mas que retornam ao mundo dos vivos para cantar e comer os alimentos oferecidos pelos vivos. Yãmîy também é o nome dado para o canto que os espíritos cantam. Ser e canto – o espírito é sua própria manifestação. Quando cantam com os yãmîy, os humanos estão tornando presentes os próprios espíritos. Através dessa relação, recebem o conhecimento dos espíritos" (ÁLVARES, 2019, p. 83-84).

Todavia, durante o processo de ocupação do território mineiro, desde o final do século XVII, a singularidade das sonoridades ameríndias não foi compreendida pelos conquistadores portugueses e seus descendentes ou sucessores no domínio da região. Imbuídos de um ideal civilizatório, tais populações escutavam as sonoridades indígenas com desconfiança, considerando-as inferiores ao padrão cultural europeu, ou ao menos "exóticas", assim contribuindo para que a nacionalidade brasileira assumisse, já em meados do século XIX, contornos culturais próprios, desde que subordinados às premissas da modernidade europeia.
Desde o final do século XX, com a contribuição dos movimentos sociais e dos estudos das Ciências Humanas, as sonoridades indígenas vêm sendo reconhecidas como patrimônio intangível da sociedade brasileira.

Referências bibliográficas: ÁLVARES, Myriam Martins. Alteridade e História entre os Maxakali. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2018.

FONTES MANUSCRITAS OU IMPRESSAS

GUALAXO VIVO

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS

"A dança é o maior prazer desses índios; entretanto, não é entre eles mais que um sapateado monótono que acompanham com cantos grosseiros, e suas canções não têm, por assim dizer, o menor sentido. Tem uma que apenas consiste em uma longa enumeração dos animais que matam em suas caçadas; outras são mais ridículas ainda, tais como esta: abaai bita popi amabá poaté poteice anári: quando as mulheres vão urinar, as árvores olham e não dizem nada".

Referência bibliográfica: SAINT-HILAIRE, August. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 [ano]. p. 214.

"Os Krenak pertencem ao grupo linguístico Macro-Jê e falam uma língua denominada Borun. São os últimos Botocudos do Leste, nome atribuído pelos portugueses no final do século XVIII aos grupos que usavam botoques auriculares e labiais. Foram vítimas de constantes massacres decretados como 'guerras justas' (de extermínio) pelo governo colonial, por desafiarem todas as iniciativas de pacificação no século XIX.

No início do Século XX, localizaram-se na margem esquerda do Rio Doce, a leste de Minas Gerais, na divisa com o Espírito Santo. Atualmente 434 Krenak vivem nesta área (4 mil hectares), criada pelo SPI-Serviço de Proteção ao Índio e reconquistada com grandes dificuldades, da pesca, da caça e da agricultura. Os Krenak resistiram ao desaparecimento e estavam cuidando de seu território, recuperando as matas e córregos devastados, cantando e dançando para seus ancestrais, quando ocorreu o desastre de Mariana […] Para eles, como explica o intelectual Ailton Krenak, o Rio Doce é Watu, uma entidade, ou seja, tem personalidade, e portanto não se trata de um "recurso", como muitas pessoas não indígenas sugerem […] Dejanira, liderança Krenak, […] afirma: 'O rio é muito importante pra nós. O rio que deu vida pra nós, todas as águas são sagradas pra nós. É viva. Ela é viva, é vida pra todos nós, ela é mãe e ela é pai. Sem a água você não vive. Sem comida você ainda passa um dia, dois dias, mas sem a água não.'"

Referências bibliográficas: PORTO, Leonardo Sartori et al. Tragédia de Mariana 2015: diálogos entre a filosofia, a química, a música e a biologia. In: HOFSTAETTER, Andrea; UBERTI, Luciane; COSTELLA, Roselane Zordan (org.). PIBID em movimento: trânsitos e mixagens na formação inicial e continuada da docência. 2ª. ed. Porto Alegre: Oikos, 2018. p. 194-195.

"Espremido entre fazendas, cercas e cidades, o povo Tikmũ'ũn – também conhecido como Maxakali – ocupa uma das menores terras indígenas demarcadas no Brasil, dividida em quatro pequenas aldeias entre os estados de Minas Gerais e Bahia: Água Boa, Pradinho, Cachoeirinha e Aldeia Verde (essa última na região de Ladainha, em Minas Gerais, onde atualmente mora Sueli Maxakali). Figura importante na comunidade, Sueli é presidente da Associação Maxakali de Aldeia Verde […] Sueli sempre diz que os Tikmũ'ũn podem até perder a terra, mas não perdem a língua (ou o canto), responsável por resguardar a presença dos yãmîyxop (espécie de povos-espíritos, em uma tradução aproximativa), que os acompanham, os curam, e os ensinam tudo aquilo que sabem. Atraídos e recebidos pelos cantos correspondentes, que formam um interminável bestiário de seres da cosmologia tikmũ'ũn, os yãmîyxop imitam os bichos, alguns hoje até inexistentes "porque o branco destruiu a floresta", como nos conta Sueli. Para os Tikmũ'ũn, espírito e imagem são a mesma coisa, pois "a imagem faz parte do nosso espírito, do nosso olhar" – Afirma Sueli. Os próprios yãmîyxop, esses povos-espíritos que visitam as aldeias, são koxuk, termo que designa, segundo a pesquisadora Rosângela de Tugny, alma, sombra e imagem".

Referência: BDMG Cultural. Sueli Maxacali. 1 jan. 2020. Disponível em: https://bdmgcultural.mg.gov.br/2020/01/sueli-maxacali/. Acesso em: 27 fev. 2021.

ndios Botocudos do Rio Doce.
Fotografia de Paul Ehrenreich. 1894.

Referência: EHRENREICH, Paul. Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX. Tradução de Sara Baldus. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MIOLO_LivroIndiosBotocudos_Jun2014_041214.pdf. Acesso em: 18/02/2021

Krenak às margens do rio Doce após a queda da Barragem de Fundão. Fotografia de Nicoló lanfranchi/Greenpeace

Referência: Disponível em: https://www.greenpeace.org/brasil/blog/rio-doce-impactos-da-lama-no-corpo-e-na-alma-do-povo-krenak/ Aceso em: 18 fev. 2021. Foi solicitada autorização para reprodução da imagem

Tatakox, o povo-espírito da lagarta.
Pintura de Isael Maxakali, 2005.

Referência: BDMG Cultural. Sueli Maxacali. 1 jan. 2020. Disponível em: https://bdmgcultural.mg.gov.br/2020/01/sueli-maxacali/. Acesso em: 27 fev. 2021. Foi solicitada autorização para reprodução da imagem